



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS –CAMPUS III
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

Marcelo Barbosa Felix

**MARCAS DE ORALIDADE NA ESCRITA E LEITURA DE ALUNOS DO
ENSINO MÉDIO**

Guarabira-PB
2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

F316m Felix, Marcelo Barbosa

Marcas de oralidade na escrita e leitura de alunos do
ensino médio / Marcelo Barbosa Felix. – Guarabira: UEPB,
2016.

18 p.

Monografia (Graduação em Letras) –
Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza
Aquino”


1. Oralidade. 2. Leitura. 3. Escrita. I. Título.


22.ed. CDD 410


MARCELO BARBOSA FELIX

Marcas de oralidade na escrita e leitura de alunos do ensino médio

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.


Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino (Orientadora)


Profa. Dra. Edilma de Lucena Catanduba (Examinador)


Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes (Examinador)

Guarabira-PB
2016

MARCELO BARBOSA FELIX

Marcas de oralidade na escrita e leitura de alunos do ensino médio

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino

Guarabira-PB
2016

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a influência de formas linguísticas variantes da fala na escrita e leitura de alunos do Ensino Médio em uma escola estadual da cidade de Guarabira - PB, o qual é fruto de pesquisa realizada por meio do PIBIC. É também foco deste estudo o nível de monitoramento do aluno em relação ao uso da linguagem no momento da leitura, haja vista que o evento de leitura exige uma linguagem mais monitorada. A análise da escrita dos textos leva em consideração duas categorias de “erros”: os “erros” decorrentes da influência do dialeto do aluno e os “erros” decorrentes do caráter arbitrário das convenções de escrita. Este trabalho está fundamentado nos estudos de BAGNO: 2001, 2002, BORTONI-RICARDO: 2005, 2008 e LABOV: 2008. A metodologia utilizada neste trabalho segue uma orientação sociolinguística e compreende a gravação de leitura e atividade de escrita dos alunos colaboradores da pesquisa (1º, 2º, e 3º do Ensino Médio), como, também, a transcrição e análise dos dados. Em relação à leitura, a análise dos dados revela, em alguns momentos, uma leitura decodificadora por parte do aluno leitor. Observa-se também a transposição de elementos da fala na leitura dos alunos pesquisados. Em relação à escrita, nos fragmentos de textos apresentados nos resultados, pode-se observar a presença das duas categorias de “erros” na escrita dos alunos dos três anos escolares, refletindo, assim, nos alunos colaboradores, um domínio mediano de uma linguagem mais formal no ato da escrita.

Palavras-chave: Oralidade. Leitura. Escrita.

1 INTRODUÇÃO

As inovações nos estudos linguísticos, a partir da concepção de língua voltada para a interação, têm significados para o ensino de língua materna uma amplitude que atende de forma satisfatória estudos voltados para a leitura e a escrita (BRASIL, 1997; FREITAS, 2012). No entanto, o ensino da língua, com espaço para uma análise pluralista dentro das variações linguísticas, especialmente as populares, ainda encontra sérios obstáculos: “não são respeitados os antecedentes culturais e linguísticos do educando, o que contribui para desenvolver nele um sentimento de insegurança, nem lhe é ensinada de forma eficiente a língua-padrão” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15). Desta forma, o ensino da língua prioriza a variedade culta como única modalidade de ensino e análise, obscurecendo às várias formas de se dizer a mesma coisa (BORTONI-RICARDO, 2005).

O alunado, ao chegar à escola, apresenta-se praticamente competente em sua língua, como também possui uma carga de conhecimentos construídos na sua vivência e interação social com a família e com a comunidade a que pertence (BRASIL, 1997; FREITAS, 2012). Fato este que a escola muitas vezes desconsidera e que poderá trazer implicações negativas para o processo de aprendizagem (SANTANA JÚNIOR *et al.*, 2011).

Assim, torna-se importante desenvolver estudos que discutam o ensino da língua materna, principalmente nos aspectos relacionados ao desenvolvimento da oralidade, da leitura e da escrita. Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo analisar as marcas de oralidade na leitura e escrita de alunos do Ensino Médio de uma escola estadual no município de Guarabira, Paraíba. Com a referente pesquisa, pretendemos caracterizar a variação linguística, cultural e social do aluno, além de diferenciar “erros” de escrita decorrentes da influência da fala do próprio aluno, e dos “erros” decorrentes do caráter arbitrário das convenções de escrita. Esta pesquisa baseia-se em resultados obtidos no projeto de iniciação científica (PIBIC – cota 2014/2015), do qual fizemos parte, em que tal temática foi abordada.

O referente trabalho organiza-se da seguinte forma: Aporte teórico – apresenta a base que fundamenta a pesquisa; Metodologia – aborda os procedimentos com os quais a pesquisa foi desenvolvida; Resultados e discussões

– apresenta os resultados e os relacionam com a base teórica voltada à temática abordada; Considerações finais –aponta as conclusões da referente pesquisa e apresenta reflexões sobre a temática em análise.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fala é a representação viva de uma variação linguística que reflete a cultura de diversas regiões. Embora as especificidades da fala representem as expressões sociais e culturais do indivíduo, tais expressões são muitas vezes repreendidas por meio das variações normativas da gramática tradicional (GT), que contempla um conjunto de estruturas da língua de caráter fixo, homogêneo, pronto e “imune” de interferência da oralidade (BAGNO, 2001, 2007). Com isso, busca denotar um distanciamento entre os traços da oralidade e os ensinamentos da norma padrão.

2.1 O contexto de sala de aula e o Contínuo de monitoração da linguagem.

No contexto do processo de ensino-aprendizagem, o trabalho em sala de aula necessita registrar a importância das diversas variantes linguísticas no tocante ao desenvolvimento da oralidade, leitura e escrita (BAGNO, 2001; BORTONI-RICARDO, 2004). No entanto, o que se verifica, em muitos casos, é a imposição por parte da escola da norma padrão, conflitando com a variante coloquial do aluno (FREITAS, 2012; SANTANA JÚNIOR *et al.*, 2011).

Quando chega à escola, o aluno já faz uso de forma competente de sua língua, a qual é adquirida com sua família e com o meio social a que pertence (pessoas que fazem parte do seu cotidiano) (LABOV, 2008). Na trajetória dos avanços dos estudos da linguagem, merece atenção o contexto de sala de aula, no qual Bortoni-Ricardo (2005) tem destacado o monitoramento da oralidade para o exame do português brasileiro no meio escolar e em outros contextos sociais. Para isso, ela propõe o *contínuo* de monitoração, o qual situa todos os tipos de interações espontâneas (menos monitoradas) até às que são antecipadamente planejadas, as quais exigem bastante atenção do falante (mais monitorada).

Os eventos menos monitorados envolvem interações de registro de fala, como explicação, motivação e diálogo entre alunos. Os mais monitorados ligam-se aos eventos norteados pela língua escrita como as produções e as leituras.

Logo, de acordo com Bortoni-Ricardo (2005), essa variação no contexto de sala de aula é de fundamental importância, pois oportuniza ao aluno a participação em diferentes graus de interação. Portanto, em qualquer tempo da vida escolar, o aluno tem necessidade do acesso aos recursos comunicativos para usufruir da oralidade em diversos estilos, e do manejo da leitura e da escrita em qualquer gênero textual (MOLLICA, 2003).

No cotidiano escolar é corriqueiro ouvir reclamações de professores para com os alunos sobre “os erros de fala, erros de leitura e erros de escrita”. Diante deste cenário, se faz necessário questionar sobre a origem desses “erros”.

Ao realizar uma análise sobre os “erros de escrita”, Bortoni-Ricardo (2005) aponta que os “erros” apresentados pelos alunos são previsíveis e sistemáticos quando verificados suas características dialetais. Para tanto, a autora diferencia os “erros” decorrentes da própria natureza arbitrária de escrita dos “erros” advindos da interferência da fala na escrita:

Quadro: 1

1. Erros decorrentes da própria natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita	
2. Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas categóricas no dialeto estudado.	Erros decorrentes da transposição dos hábitos da fala para a escrita (Bortoni-Ricardo, 2005: 54).
3. Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis graduais.	
4. Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis descontínuas.	

Fonte: (Bortoni-Ricardo, 2005: 54).

Verificamos, através da primeira categoria, “erros” que decorrem do pouco conhecimento do aluno das convenções que norteiam a escrita, especialmente na relação entre letra e fonema (BORTONI-RICARDO, 2005).

Nas outras categorias, é visível destacar o perfil sociolinguístico, em que há transferência de variantes da fala para a escrita. Ou seja, estão inseridos os “erros” advindos da transposição de hábitos da oralidade para a escrita (BORTONI-RICARDO, 2005).

A partir de tais constatações referentes a análise desses “erros”, criam-se suportes para a execução de um modelo pedagógico direcionado para as questões apresentadas, respeitando o perfil sociolinguístico dos alunos.

2.2 Imposição do modelo normativo

A Gramática Tradicional (GT) surge no cenário da sociedade como uma ferramenta de prestígio social e marca de conservadorismo dos clássicos literários, tendo como referência os modelos padronizados pelos “grandes escritores” clássicos (BAGNO, 2001). Sua ideologia é tentar manter e conservar estruturas que sofreram e sofrem mudanças ao longo do tempo, por meio de traços socioculturais através da oralidade em realizações sintáticas, semânticas, morfológicas e fonológicas (BAGNO, 2007, 2009).

Conservar sua marca e doutrina é algo secular, cujo ensino, ao longo do tempo, vem ancorado em decorar nomenclaturas sem explicitar os objetivos e funções que tais estruturas e/ou construções representam em determinado enunciado ou texto. Portanto, sua doutrina se realiza de forma “intocável”, estática e fechada, sem querer abrir espaço às interferências da oralidade, demonstrando, com isso, limites rígidos entre a língua falada e a língua escrita (BAGNO, 2001, 2009). A primeira, como desprestigiada e “caótica”, a segunda, prestigiada e “protegida” pela GT de interferência oral. Logo, de acordo com o prestígio social e conservadora, a modalidade de escrita definida pela GT passou a ser “a única modalidade de língua digna de ser estudada e ensinada” (BAGNO, 2009. p. 48), o que notabiliza um estudo centralizado em uma única modalidade, a escrita padrão.

Em vista disto, a língua falada tornou-se desprestigiada e de valor diminuído em relação a escrita; como algo fora de regra (BAGNO, 2007, 2009). Contudo, o que se busca, através dos estudos linguísticos, é uma abertura para a discussão e o debate, enquanto realidade, da variante oral no ensino de língua portuguesa. Pois, não se pode negar ou desconhecer esse bem natural que o aluno vivencia e já chega à escola com esse fenômeno que nasce de forma espontânea dentro de si (BAGNO, 2001, 2007, 2009).

Outro campo que é alvo de discussão atua na questão ortográfica. Pois o seu desvio costuma se qualificar como “erro de português”. Entretanto, diante da definição ortográfica Bagno (2001, p. 30) declara:

Sabendo disso, é importante um professor estar sempre consciente de que o aluno que comete desvio de ortografia não está cometendo “erro de português”. O aprendizado da ortografia exige exercício, memorização, treinamento – é uma competência que tem que ser *apreendida* naturalmente. Falar sua língua materna é uma competência do mesmo tipo de respirar, andar, chorar, espirrar, dormir... São capacidades que qualquer ser humano normal tem.

A influência gramatical é tão expressiva que as pessoas confundem conhecimento da língua com conhecimento ortográfico. Pois, a escrita pode ser modificada a qualquer momento. Logo, se refere a questões que envolvem a elaboração de leis, diplomacia e, até mesmo, dissidências religiosas entre países (BAGNO, 2001).

2.3 A escola: espaço de reflexão e análise da linguagem

A concepção de linguagem defendida atualmente, através da linguística, visa a uma modalidade ampla, interativa e cultural e, portanto, não enfatiza uma única modalidade de língua. Nessa perspectiva, a política do “certo” e do “errado” precisa ser revista e analisada. A esse respeito, Bagno (2001, p.26) afirma que:

Quando se trata de língua, só se pode qualificar de *erro* aquilo que comprometa a *comunicação entre os interlocutores*. Se uma pessoa disser *os meninos tudo veio*, ninguém, por mais preconceituoso e tradicionalista que seja, vai poder alegar que “não entendeu” o que aquela pessoa quis dizer. Uma análise linguística vai demonstrar com toda clareza e argumentos mais do que convincentes que a construção *os meninos tudo veio* tem regras gramaticais próprias, segue uma sintaxe que *difere* daquela (única) que estar registrada nas gramáticas normativas.

Nessa perspectiva, dá-se atenção, na prática de sala de aula, aos textos orais e escritos, ao contexto social e cultural dos alunos, por se acreditar que, no contexto escolar, deve prevalecer um ensino voltado para as práticas sociais, especialmente no que atende às realizações de leitura e escrita. E a escola pode e deve proporcionar espaço e situações que visem a efetivação destas inovações em seu currículo.

Em conformidade com esta realidade, Bagno (2002, p. 52) enfatiza que:

De nada adianta ensinar uma pessoa a usar o garfo e a faca se ela jamais tiver comida em seu prato para aplicar essas habilidades. De nada adianta, também, ensinar alguém a ler e a escrever sem lhe oferecer ocasiões para o uso efetivo, eficiente e produtivo dessas habilidades de leitura e de escrita.

Diante deste contexto, faz-se necessário que se crie situações em que possam ocorrer as diversas variações. Pois, a frágil disponibilidade para a leitura acaba ocasionando um distanciamento da prática de oralidade com vista aos aspectos textuais e sociocultural. Acerca disto, os PCN (BRASIL,1997, p.49) defendem que:

Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente do que se é. Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas.

Estas situações abrem espaços, também, para o desenvolvimento da competência linguística do falante. Pois, “quando faz uso da língua, o falante não só aplica as regras estruturais para obter sentenças bem formadas, como também observa normas de adequação definida em sua cultura” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 39). Portanto, esta competência linguística configura uma competência gramatical, a qual o falante utiliza de forma imperceptível e sistemática.

Sobre o uso da linguagem na escola, Bunzen & Mendonça (2013, p. 76) afirmam que:

Partindo do entendimento de que a linguagem na escola deve ser, antes de tudo, objeto de reflexão e análise, os PCNEM condenam o estudo apenas do seu aspecto formal que desvincula o aluno do caráter intrassubjetivo, intersubjetivo e social da linguagem.

No entanto, esta é uma prática ainda muito presente tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio.

3 METODOLOGIA

Os procedimentos adotados neste trabalho basearam-se no projeto de iniciação científica (PIBIC – cota 2014/2015), intitulado: VARIAÇÃO DIALETAL E ENSINO: marcas de oralidade na leitura e escrita de alunos do ensino médio. O qual realizamos em uma escola estadual no município de Guarabira, Paraíba. Os sujeitos que compõem a pesquisa foram alunos do ensino médio (1º, 2º e 3º anos). Em vista disto, a pesquisa foi desenvolvida a partir de observações de atividades de leitura e escrita, em sala de aula, executadas pelos alunos para análise da interferência de variantes da fala nessas atividades.

Realizamos os referentes procedimentos:

- Observações de aulas nas três turmas para verificação das atividades de leitura, escrita e anotações de dados qualitativos;
- Gravação de áudio, envolvendo leituras dos alunos;
- Coletas dos textos escritos pelos alunos para análise das marcas de oralidade presentes nestas produções.

Realizadas as gravações e coletas dos textos, procedeu-se as codificações dos dados para a análise dos fenômenos linguísticos, os quais envolvem: processos de redução, inserção, troca de fonemas/grafemas e outros processos que envolvem uma maior complexidade de leitura e escrita.

As atividades envolveram 60 alunos, dos quais 64% foram do sexo feminino e 36% do sexo masculino.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o observado nesta pesquisa, torna-se evidente a dificuldade de distanciar as variações orais das modalidades de escrita padrão, seja em uma situação formal da fala (leitura) ou por meio de um texto escrito.

A seguir destacam-se fragmentos das produções escritas e a análise dos dados. Os fragmentos foram transcritos obedecendo a mesma forma escrita dos textos originais.

4.1 Análise de escrita

Fragmentos de textos do 1º ano do Ensino Médio

Fragmento 1

“(...). Tem amigos que vão e vem mais tem amigos que ficar guardado nos nossos corações”.

Em “*tem amigos que ficar*” houve uma omissão de plural, ocasionando desvio de concordância. De acordo com a norma padrão seria: “amigos que ficam...” Verifica-se também a conjunção coordenada adversativa “mas” sendo escrita em compatibilidade com a pronúncia “mais”.

Fragmento 2

“(...). Me chamaram divertido de um pouco estranho, mais uma pessoa estranho não podemos considerar uma pessoa ruin (...)”.

Neste fragmento o que nos chama a atenção é a próclise no início de frase “*Me chamaram divertido*” com o pronome pessoal oblíquo “me” no início de frase, atestando um dos traços muito significante na coloquialidade brasileira. Outra estrutura, por fim, é a conjunção coordenada adversativa “mas” escrita em conformidade com a pronúncia “*mais*”. Observamos ainda o apagamento do ditongo na palavra **pouco**, escrita “poco”. O que revela uma forte influência da variação da fala na escrita. Já a escrita da palavra “ruin” revela o pouco domínio do escrevente referente à convenção de escrita da palavra.

Fragmento 3

“Seja atento com você mesmo, existe coisas que proporcionam prazer (...)”

Observamos a troca do plural pelo singular. Em vez de “existem coisas que proporcionam”, grafou-se “*existe coisas*”. Neste caso, a ocorrência do singular, de acordo com a norma padrão, dar-se com o verbo “haver” no sentido de existir.

Fragmento 4

“Infelizmente algumas coisas acontecem com a nossa amizade. Fazendo com que nois nus afastasse...”

“*Infelizmente*”. Registramos, neste caso, a ocorrência de “erros” decorrentes do caráter arbitrário das convenções de escrita (z/s). Em “*nois nus afastasse*”, nota-se uma forte influência da oralidade na escrita, em que o vocábulo *nós* é grafado “*nois*” com acréscimo de uma semivogal, formando ditongo; “*afastasse*”, o verbo é flexionado na 3ª pessoa do singular “*ele*” em substituição a 1ª do plural “*nós*”. Logo, de acordo com a norma padrão seria “*nós nos afastássemos*”.

Fragmentos de textos do 2º ano do Ensino Médio

Fragmento 1

“Sabemos que nos não somos o que elas querem que nós sejamos. Cabe à todos nós traçar nosso caminho.”

Em “*todos nós traçar*”, registra-se a ocorrência do infinitivo em substituição a 1ª pessoa do plural “*traçarmos*”.

Fragmento 2

“Pra se acaba o preconceito precisamos se manifesta em palestras, avisos, educação(...)”

Observa-se em “*precisamos se manifesta*” o “*se*” (pronome de terceira pessoa do singular oblíquo átono) em substituição ao pronome pessoal oblíquo átono “*nos*” (primeira pessoa do plural), revelando as marcas da oralidade na escrita.

Fragmentos de textos do 3º ano do Ensino Médio

Fragmento 1

“Infelizmente hoje em dia ta um caso serio de preconceito tanto nas ruas

quanto no futebol(...) por uma parte da população tanto no sul, como em outros pais. Tamos no século XXI e ainda acontecer atos banais como esses ocorrido (...) isso gerol uma revolta no goleiro aranha que depois do jogo ele saio chorando e revoltado com o fato ocorrido(...) ninguém e mais quer ninguém”.

Neste exemplo, chama a atenção o verbo “estar” que surge com as formas “*ta*” e “*tamos*”, as quais foram reproduzidas fielmente na escrita como são articuladas na fala, em que as formas verbais “*está*” e “*estamos*” são realizadas com o apagamento da sílaba inicial “*es*” “*ta*” e “*tamos*”. O sintagma “*outros pais*”, atesta uma substituição de plural (países) por singular. Nos vocábulos “*gerol*” e “*infelizmente*”, observamos a ocorrência de “erros” decorrentes do caráter arbitrário das convenções de escrita na troca de letras (u/l); (s/z) respectivamente.

Fragmento 2

“O nordeste carregou o Brasil nas costas por 400 anos (...)”

Em “*O nordeste carregou o Brasil nas costas por 400 anos*”, observa-se uma expressão típica da oralidade, sendo muito recorrente no pensamento e na fala de muitos críticos nordestinos ao tratar questões regionais. Entretanto, em situações de linguagem mais monitorada, o uso de termos figurativos como “*carregou o Brasil nas costas*” seria evitado.

Fragmento 3

“(...) Pois os jogadores negros sofre xingamento ou algum tipo de sinal, por alguns torcedores racistas”.

Em “*os jogadores negros sofre*”, Constata-se uma substituição da 3^o pessoa do plural “*sofrem*” pela 3^o do singular, comprovando mais um registro de marca de oralidade na escrita.

4.2 Análise de leitura

Na parte da pesquisa correspondente à gravação da leitura realizada pelos alunos, registramos marcas como: “*medidas que incuiba*”, “*meis*”, “*macacu*”, “*pois nué justo*”, “*negu*”, “*nóis serumano*”, “*probema*”. Estes registros foram comuns entre os alunos das três turmas observadas e confirmam a relação existente entre o modo de falar dos estudantes e a transposição deste modelo para a leitura.

Os processos linguísticos observados na leitura dos alunos mostram que tais fatores são recorrentes em seu dialeto, ou seja, são variantes de uso comum em suas comunidades.

Apesar de observarmos diferentes “erros” em relação às marcas de oralidade na escrita e leitura, envolvendo os alunos de todas as séries, verificamos, ao mesmo tempo, que a proporção de “erros” por ano/série reduziu à medida que aumentava o nível de escolaridade do aluno (Gráfico 1).

No que se refere ao grau de proximidade com a variante padrão/culta, nos níveis de leitura e escrita, constatamos, no 3º ano, uma maior proximidade da variante padrão/culta em relação ao 2º e do 2º em relação ao 1º (Gráfico 2).

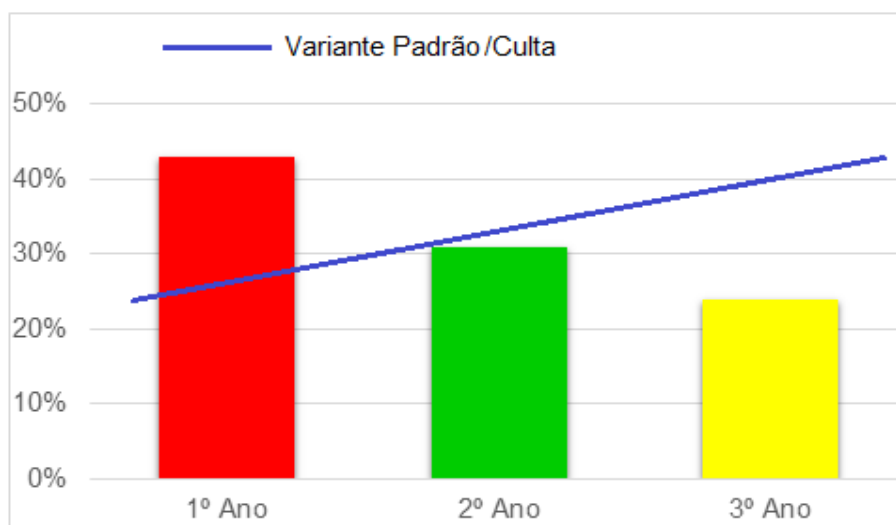


Gráfico 1. Quantidade de “erros” na escrita e leitura dos alunos.

Gráfico 2. Variante padrão por série verificada pelas atividades de leitura e escrita.

Nos exemplos apresentados, tornam-se evidentes a transposição das variantes da fala para a escrita, o que torna o mecanismo da produção textual uma disputa entre a competência linguística do estudante (geralmente oral) e as especificidades de língua escrita (GERALDI, 2006).

Ao comparar a leitura com a escrita, observamos que a variação dialetal se fez presente na leitura de todos os alunos pesquisados. Logo, é importante frisar que o falante possui, de forma natural e internalizada, uma competência comunicativa em diversos contextos de interação.

Associadas aos recursos linguísticos (sintaticamente organizados e coerentes) estão presentes as marcas culturais adquiridas pela língua através do meio, caracterizando-se como marcas de oralidade. Portanto, enquanto usuários competentes da língua, estas marcas estão inseridas tanto na leitura quanto na escrita dos alunos.

Assim, é imprescindível que os professores percebam, cada vez mais, a importância de trabalhar a pluralidade cultural desde os anos iniciais de escolarização. Sobre este fenômeno Osakabe (1982, p. 154-155) *apud* Geraldi (2006, p. 123) afirma:

Do ponto de vista de sua aprendizagem, a língua escrita e a língua oral apresentam dificuldades de natureza distinta. [...] A escrita atua como complemento da oralidade, cumprindo certas atribuições que se situam além das propriedades inerentes a esta.

No que se refere, desta feita, à oralidade utilizada de forma não programada e despreocupada, ela surge livremente. Porém, em relação à escrita, há uma programação, um ordenamento, visando a ser “entendida” por qualquer interlocutor desta língua (MOLLICA, 2003). Contudo, em grande parte dos textos, elas caminham juntas. Desta forma, Geraldi (2006, p.124-125) diz que:

Desconhecendo ou dominando mal certas construções do português escrito formal, o estudante, geralmente de forma inconsciente, acaba por utilizar certos recursos próprios da oralidade para construir seu texto. Mas isso não quer dizer que ele abandona a imagem de língua culta. O que se observa é que num mesmo texto podemos encontrar, cumprindo funções sintáticas e semânticas muito próximas, ora uma construção pretensamente mais formal, ora uma fundamentalmente oral.

Portanto, as constatações do autor também foram observadas nos fragmentos apresentados em nossa pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os resultados, foi possível constatar uma maior proximidade da norma padrão/culta na escrita e leitura dos alunos do 3º ano em relação ao 2º e do 2º em comparação ao 1º ano. Entretanto, torna-se claro a dificuldade de distinguir as estruturas da oralidade das modalidades de escrita padrão, seja em uma situação formal da fala ou por meio de um texto escrito.

Entendemos que o fenômeno da variação linguística se faz presente em todas as línguas, o que exige um tratamento mais adequado por parte da escola e seus integrantes. Com isso, faz-se necessário que se priorizem os conhecimentos linguísticos que o educando traz consigo ao adentrar na escola. Outrossim, é função da escola levar o aluno a conhecer e ter domínio da norma culta. No entanto, ela não pode menosprezar a variante trazida pelo aluno do âmbito social e cultural. Nesse sentido, é importante que todos os professores engajados com o ensino de língua materna tenham conhecimento e conscientização de que, ao ingressar na escola, a criança traz uma rica prática de linguagem e que a escola precisa reconhecer esse fato e trabalhar o mesmo no cotidiano escolar.

Portanto, realidades presenciadas em determinadas situações de ensino/aprendizagem precisam ser revistas, o que exige reflexão e uso de novas metodologias. Como também, os casos que envolvem a dinâmica da escrita, oralidade, leitura e interação precisam ser absorvidos e, quando necessário, aperfeiçoados.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?:** Um convite a pesquisa – São Paulo: Parábola Editorial, 2001, 184p.

BAGNO, Marcos; GILLES, Gagné; STUBBS, Michael: **Língua materna:** letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola, 2002.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro –

São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula** – São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguem na escola, e agora?: Sociolinguística e educação** – São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa** – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia. **Múltiplas linguagens para o ensino médio** – São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

FREITAS, Renata. **Variações linguísticas e estigmatização da fala: algumas considerações para o professor de Língua Materna**. ECCOM, v. 3, n. 6, 2012.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. – 4^o ed. – São Paulo: Ática, 2006.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. **Variação linguística e ensino de Gramática**. Work. pap. linguíst., v.10, n.1, p. 73-91, 2009.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

MOLLICA, M. C. **Da linguagem coloquial à escrita padrão**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

SANTANA JÚNIOR, Valdson José; PINTO, Marie Jolly Nascimento. SANTANA, Robson Ferreira. Erro(s): **entre o desvio e a norma**. In: V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”, São Cristóvão, SE, Brasil, 2011.